



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 17, número 1, jan-jun, 2024, pág. 640-658

**CRIATIVIDADE EM TEMPOS PANDÊMICOS NA ATUAÇÃO  
DOCENTE  
CREATIVITY IN PANDEMIC TIMES IN TEACHING  
LA CRÉATIVITÉ EN TEMPS DE PANDÉMIE DANS  
L'ENSEIGNEMENT**

Adriana Rosmaninho Caldeira de Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo**

O ano de 2020 será lembrado mundialmente pela pandemia de Covid-19, que até o final de 2021 já vitimou mais de 600 mil vidas no Brasil. A partir de março de 2020 as aulas presenciais foram suspensas nas universidades federais do país. Passados quase dois anos de pandemia e distanciamento social, nesse contexto, muitas foram e são as alternativas apresentadas e há muitos discursos em torno da continuidade ou não das atividades educacionais intermediadas pela internet. Neste texto buscamos explorar os saberes e a criatividade docente em tempos pandêmicos por meio das trajetórias e narrativas no/do cotidiano escolar.

**Palavras-Chave:** Criatividade, Pandemia, Saber docente, Narrativas/trajetória, Cotidiano escolar

**Abstract**

The year 2020 will be remembered worldwide for the Covid-19 pandemic, which by the end of 2021 had already claimed more than 600,000 lives in Brazil. As of March 2020, face-to-face classes were suspended at federal universities in the country. After almost two years of pandemic and social distancing, in this context, many alternatives were and are presented and there are many discourses around the continuity or not of educational activities mediated via the internet. In this text we seek to

---

<sup>1</sup>Doutora em Educação, Professora Universidade Federal Fluminense na área de psicologia social/comunitária, Professora PPG Estudos da Condição Humana UFSCar, Grupo de Pesquisa Saúde Mental e Sociedade, [adrianacaldeira@id.uff.br](mailto:adrianacaldeira@id.uff.br)



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

explore teaching knowledge and creativity in pandemic times through trajectories and narratives in/from everyday school life.

**Keywords:** Creativity, Pandemic, Teaching knowledge, Narratives/trajectory, School daily life

### Résumé

L'année 2020 restera dans les mémoires du monde entier pour la pandémie de Covid-19, qui, fin 2021, avait déjà fait plus de 600 000 morts au Brésil. Depuis mars 2020, les cours en présentiel ont été suspendus dans les universités fédérales du pays. Après presque deux ans de pandémie et de distanciation sociale, dans ce contexte, de nombreuses alternatives ont été et sont présentées et il existe de nombreux discours autour de la continuité ou non des activités éducatives médiatisées via Internet. Dans ce texte, nous cherchons à explorer l'enseignement des connaissances et de la créativité en période de pandémie à travers des trajectoires et des récits dans/ depuis la vie scolaire quotidienne.

**Mots-clés** : Créativité, Pandémie, Savoirs pédagogiques, Récits/trajectoire, Vie quotidienne scolaire

Lançando um olhar crítico sobre esse espaço tão multifacetado que é a universidade, buscando apreender as estratégias criativas e os saberes docentes para uma prática da educação por meio do respeito, da troca e do dialogicismo a partir das narrativas ficcionais iniciaremos nosso relato. Esse recurso metodológico propicia que a escrita seja perpassada por pessoas, lugares, acontecimentos, enquanto um conjunto de múltiplas fontes que apresentam diferentes versões sobre o tema. Elas são recortes que evidenciam discursos e práticas pedagógicas, ou não, no cotidiano escolar.

Ao longo desse longo processo de incertezas, medos, esperanças que vivenciamos nesses tempos pandêmicos; guardamos anotações, riscos e rabiscos em cadernetinhas, em telas de computador, em papéis soltos... Foi preciso então organizar os diários de campo, que portam também uma série de escritos das intensidades experimentadas. A intensidade de nossas impressões, de nossas sensações, fica inscrita neles, tal como se inscreve em nós; e é por meio delas que somos



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

surpreendidos pelo que não conhecíamos. A partir desses posicionamentos, produzimos narrativas que vão dando sentido ao mundo, e que nos permitem acessar os modos de pensar e sentir que nele e com ele se engendram. Narrar é uma manifestação que acompanha os humanos desde seus primórdios. É contando histórias que as pessoas organizam suas experiências e dão sentido a elas, e com isso podem ampliar ou restringir suas possibilidades existenciais.

Trata-se de narrativas recolhidas das práticas pedagógicas vivenciadas no cotidiano escolar, por onde circula uma variedade de pessoas, ideias, crenças, culturas, anseios. Uma verdadeira colcha de retalhos, tamanhas são as diferenças dos sujeitos que nele convivem. Essa colcha de retalhos é tecida em suas tramas por outras menores, que se emendam em fios tão tênues que nem sempre é perceptível onde se iniciam características de uma e onde terminam as das outras. Essas teias permeiam as relações cotidianas do indivíduo, aproximações com saberes e fazeres, estruturando suas formas de agir no e sobre o mundo. Surgem nas mais diversas dimensões: familiar, universidade, bairro, afetos e desafetos, espaço escolar e em muitas outras. Nesse mesmo sentido, construímos as redes de conhecimento, em relação às quais Nilda Alves (2012, p. 1) afirma:

[...] em seu viver cotidiano, os seres humanos se articulam em múltiplas redes educativas que formam e nas quais se formam – como cidadãos, trabalhadores, habitantes de espaços tempos diversos, criadores de conhecimentos e significações e de expressões artísticas, membros de coletivos vários (famílias, religiões, expressões nas mídias), usuários de processos midiáticos etc.

Algumas dessas narrativas foram captadas no/com campo-tema de pesquisa, outras dizem de nossa própria formação, são narrativas de nosso percurso de vida e percurso profissional. Ao valer-nos das



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

narrativas ficcionais, apropriamo-nos da ficcionalização como maneira de deixar que a escrita seja perpassada por pessoas, lugares, acontecimentos, enquanto um conjunto de múltiplas fontes que apresentam diferentes versões sobre o tema. São recortes que evidenciam discursos e práticas pedagógicas, ou não, no cotidiano escolar. Entrecruzando os textos, abordam assuntos ora presenciados, ora ouvidos ou vividos nos diferentes níveis de ensino, mas também se relacionam com memórias em que os eventos produziram repercussões, por isso “não são verdades, nem mentira, mas uma forma criativa [...] de organizar e comunicar situações vividas e imaginadas” (Reigota, 1999, p. 80).

A expressão campo-tema foi utilizada por Peter Spink (2003) para enfatizar que um campo de investigação não é um “universo” distante, separado e independente do/a pesquisador/a. Ou seja, ele não é um “universo empírico” ou o “lugar” onde fazemos nossas observações. Mas uma “[...] rede complexa de sentidos, que vai sendo construída num constante diálogo acerca do tema de pesquisa. Diálogo esse ‘debatido’, ‘negociado’ e ‘arguido’, situado dentro de um processo que tem tempo e lugar históricos” (Spink, 2003, p. 28).

Considera-se que, ao mesmo tempo em que o cotidiano escolar reproduz e ressoa as relações de poder produzidas historicamente pela sociedade, indica, nas relações entre professores, professoras, alunos e alunas, a possibilidade de criação de brechas para a constituição de outra prática nas relações educacionais. O objetivo principal deste trabalho que desenvolvemos aqui foi buscar narrativas de professoras e professores sobre os impactos e suas relações na atuação docente diante da Covid-19 nos cotidianos educacionais em que estamos imersas; cursos de graduação e pós-graduação de duas Universidades Federais. Buscamos trazer narrativas e trajetórias a fim de identificar as



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

alternativas curriculares criadas por nós a partir da criatividade e dos saberes docentes para tecermos nossas vivências.

Rubem Alves em sua coluna no Jornal Folha de São Paulo nos ajuda a refletir sobre A Complicada Arte de Ver e nos alerta que há muitas pessoas de visão perfeita que nada veem. O ato de ver não é, portanto, coisa simples ou natural. Precisa ser aprendido.

Ver é muito complicado. Isso é estranho porque os olhos, de todos os órgãos dos sentidos, são os de mais fácil compreensão científica. A sua física é idêntica à física óptica de uma máquina fotográfica: o objeto do lado de fora aparece refletido do lado de dentro. Mas existe algo na visão que não pertence à física (Alves, 2004, [s.p.]).

Foi a partir desse espírito que mergulhamos nesse trabalho de registrar a *práxis pedagógica* por meio de narrativas ficcionais. Com a intenção de ver além daquilo que os outros já viram, mas, ao mesmo tempo, abertas também à magia, ao encanto que nos permitiram enriquecer a escrita, saborear as imagens e tonalidades tão ricas do cotidiano. E ainda tentarmos deixar emergir a educadora que nada teria a ensinar, mas se dedicaria à arte de ensinar a ver na banalidade cotidiana, com os sentidos abertos ao que estamos vivendo nesse período pouco amistoso. E, numa provocação contínua, tentar aprender a ver, com os olhos da sabedoria, para enxergar um pouco o que se esconde nos detalhes. Assim, sentimos este relato como um aprendizado sobre os olhares e modos de ver, confiante na ideia de que, se aprender a ver é uma das principais aventuras, o ato de aprender, como afirma Paulo Freire (1996, p. 69), “é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito”.

Compreender, perceber e assumir a importância, as implicações e os significados que possuem os nossos olhares quando se comprometem amorosamente com aquilo que veem, marca a forma



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

como nos colocamos no mundo. Rubem Alves nos ajuda a traduzir essa importância de modo bastante criativo, ao dizer:

A diferença se encontra no lugar onde os olhos são guardados. Se os olhos estão na caixa de ferramentas, eles são apenas ferramentas que usamos por sua função prática. Com eles vemos objetos, sinais luminosos, nomes de ruas — e ajustamos a nossa ação. O ver se subordina ao fazer. Isso é necessário. Mas é muito pobre. Os olhos não gozam...,mas, quando os olhos estão na caixa dos brinquedos, eles se transformam em órgãos de prazer: brincam com o que veem, olham pelo prazer de olhar, querem fazer amor com o mundo (Alves, 2004, [s.p.]).

Percebemos, hoje, que não podemos estar na docência de forma comprometida sem revolucionar os modos como aprendemos a olhar as pessoas, os cenários e os fatos. No entanto, sabemos que, apesar dos nossos limites, foi guardando nossos olhos na caixa de brinquedos que a realidade se fez presente em cada ponto deste longo caminho. Nesta caixa, nossos olhos estiveram atentos aos sentidos produzidos na linguagem, nas redes tecidas no cotidiano, e animaram o esforço para construir as sínteses sobre as observações implicadas e as trocas dialógicas com os sujeitos envolvidos nesse longo, tortuoso e encantador trabalho que a docência do ensino superior nos instiga para o empenho em buscar aberturas ao diálogo com o outro.

E talvez seja isso que tenha nos permitido uma leitura de mundo sobre esse período, tramando as suposições e bordando as argumentações possíveis. As pistas sinuosas percorridas nesse tempo contribuíram para a organização e o direcionamento da aventura no campo, e foram marcadas pela surpresa diante do desconhecido. Como perspectiva para construir as reflexões deste capítulo, assumimos considerar as práticas e saberes docentes como fenômeno plural cuja manifestação é tecida por uma multidimensionalidade de aspectos



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

visíveis, ambíguos, dispersos, escondidos, fluidos, em que suas nuances e sinuosidades não permitem uma apreensão conceitual única e universal.

Com esses olhares, o encontro com o “outro” deu-se através da incursão pelo campo empírico e das formulações teóricas que permitiram construir possíveis articulações das práticas e saberes docentes no cotidiano escolar. Estar no campo-tema exigiu, além do ‘mergulho’ (Oliveira & Alves, 2001, p. 8) necessário para permitir o entendimento, levar em conta nossos contextos e suas complexidades, sobretudo as limitações, as incertezas, a curiosidade e a criatividade das professoras. Como indica Nilda Alves (2001, p. 26), “do conflito e do diálogo dos conhecimentos existentes nas redes formadas” entre os indivíduos envolvidos nesse processo de trabalho é que se torna possível apreender e dar visibilidade às práticas discursivas presentes no cotidiano escolar.

Precisamos registrar que a escrita deste capítulo se fez marcada por sentimentos de toda ordem, satisfação, medo, receio, raiva, alegria. Vivenciar este período de incertezas, falta de informação muitas vezes nos causou desânimo. Nos munimos do princípio libertário provocado por Paulo Freire para investir na possibilidade de mergulhar na potência que a educação pode assumir e suas categorias fundamentais: esperança, práxis (a prática desenvolvida e refletida para ser realizada como nova prática), autonomia, conscientização, cultura e diálogo.

Em meados de março de 2020 as aulas foram suspensas, instaurou-se um clima de medo, incertezas e solidão. Assistimos pelas telas de tvs, celular e computador os rumos crescentes da COVID 19. Aos poucos projetos de extensão e pesquisas foram sendo desenvolvidos como estratégias de resistência ao período mais nítido deste governo que nega a ciência. Aprendemos a utilizar termos que jamais fizeram parte de nossos vocabulários. As redes de ensino foram





## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

invadidas por aulas remotas, “*lives*”, cursos “*online*”. O ensino foi sendo transferido para a internet de forma abrupta, como se fosse possível sair de um cenário para o outro sem que fosse necessário a produção de outras tecnologias. A sensação de que não poderíamos parar foi se instalando, mas essa exigência vinha carregada de uma negação do medo, da impotência e da dor que a COVID 19 nos impunha. Precisávamos ir além do espaço tradicional educativo e atentar a uma série de estratégias para tentar mitigar os danos causados pela impossibilidade de realização do ensino presencial. E, sobretudo, pensar como proporcionar outras formas de aprender e ensinar apesar do distanciamento social, do acesso à internet e dispositivos para acesso de forma tão desigual?

Chegamos a ficar paralisados em alguns momentos, mas precisávamos reagir e buscar alternativas criativas na intenção de construir pontes. Foi com este espírito que tecemos nossas teias e construímos algumas possibilidades, são sobre essas possibilidades de enfrentar o desconhecido que nos foi imposto que iremos contar a partir de agora.

### **Por onde devo começar?**

Seria o primeiro dia da disciplina de Estágio Básico. Muitas questões vinham à cabeça. Como seria possível ministrar uma disciplina prática nesse formato online? Quantas incertezas, conseguiria dividir com a turma as experiências necessárias para a entrada no campo da saúde mental, da reforma psiquiátrica? Ai que difícil esse papel...

Foi com esse sentimento que Roberto foi para sua primeira aula com a turma, de apenas nove alunos. E assim se seguiu, disponibilizou link da aula na plataforma oficial do curso e ficou a aguardar. Pareceu uma eternidade o tempo para os alunos e alunas adentrar aquele espaço. Enquanto isso ficava a pensar como quebrar o gelo desse encontro e tornar o espaço um lugar possível e seguro para trocas.





## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Conforme iam entrando na sala virtual eram recepcionados por Roberto, com um sorriso largo e o pedido para que mantivessem suas câmeras ligadas a fim de propiciar olhares e presenças e uma aproximação mesmo que virtual. E assim foi trilhando um caminho desconhecido e sinuoso. Apresentou a proposta de ensino com o cronograma, ouviu as expectativas quanto ao desenrolar da disciplina. E a aula foi se desenvolvendo de maneira fluida, até que chegaram ao fim. Despediram-se daquele espaço, quando Júlio, um aluno, fica até o final e pede para falar com Roberto em particular. Aguardam todos saírem e Júlio inicia o diálogo:

- Professor, estou precisando de falar um assunto meio estranho com o senhor. Sabe o que é, antes da pandemia eu morava na residência estudantil. E lá eu tinha mais privacidade. O acesso à internet era da universidade, eu conseguia me organizar pra fazer minhas atividades nos horários em que o quarto estava mais vazio, sem os colegas que dividiam o espaço comigo. Mas como eu fui ficando muito entristecido com essa história do distanciamento social que minha mãe me trouxe pra casa. E aqui em casa, as coisas são mais difíceis. Tô mantendo as aulas pela internet, mas tá difícil ficar conectado durante as 4 horas de aula gastando o pacote de dados do plano de internet daqui de casa.
- Sim, entendo. Puxa vida Júlio, difícil isso, né. Mas e aí, você tem alguma sugestão? O que a gente pode fazer?

Roberto já começa a pensar e não consegue antecipar nenhuma solução para o problema escancarado à sua frente. Ele, cheio de boas intenções, mas as questões objetivas das diferenças sociais e econômicas existentes se impunham.

- Eu andei pensando aqui, como fizemos um grupo no dispositivo de mensagens, talvez pudessemos usar esse mesmo dispositivo para fazer nossas aulas. Até porque dessa forma eu não preciso gastar os dados móveis do meu plano. Tudo que uso neste dispositivo é ilimitado.



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

- Perfeito, Júlio. Pode deixar que na próxima aula nos reuniremos por lá.

Roberto encerra a conversa e fica em silêncio. Seus pensamentos voam, às vezes pequenos ajustes são necessários para garantir o acesso de forma mais democrática, mas para isso é importante estar aberto genuinamente a ouvir o outro. Uma pequena diferença que pode determinar o desfecho e a diferença entre promover inclusão ou exclusão.

### **Era uma vez...**

Duas professoras, parceiras de trocas, companheiras de pensamento, companheiras de ação, companheiras de sonho, resolveram mais uma vez se juntar e propor um projeto de extensão para atendimentos psicoterápicos online em abril de 2020. Fizeram a divulgação entre seus alunos mais próximos, por mensagens de *WhatsApp*. E para surpresa de ambas a notícia correu rápido. Mais que de repente já havia cerca de 12 alunos de graduação de 3 universidades de 2 estados desse grande Brasil. Organizaram leitura para embasar esse novo fazer, que nem elas sabiam ao certo como iria acontecer. Montaram um modelo de ação, iniciavam com a apresentação, por um dos integrantes do projeto, de um dos textos escolhidos previamente e seguia uma discussão. Foram se familiarizando com temática do 'online' fosse para os atendimentos ou mesmo para o encontro, o diálogo com o outro.

Esses encontros tornaram-se espaços em que era possível falar do cotidiano, e foram criando um ar de intimidade entre os participantes do grupo. Até então não haviam aberto para o público em geral a forma de acesso à psicoterapia online nesse espaço.

Quando já se sentiam minimamente confortáveis fizeram divulgação nas redes sociais. E para a surpresa de todos criou-se uma fila virtual de mais de 100 pessoas interessadas, necessitando de uma escuta qualificada. Ficou visível como muitos encontravam-se sozinhos,



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

sofrendo com todo esse mal-estar que a COVID 19 nos impôs. As duas professoras se preocuparam em possibilitar aos alunos um espaço de aprendizagem de qualidade sem perder a doçura.

Todos os encontros eram permeados de referências poéticas, musicais, artísticas que pudessem auxiliar na produção de sentido de um tempo histórico com as dores e delícias de sermos quem somos. Sem perder de vista o número imenso de pessoas que não puderam ser absorvidas por esse singelo grupo, elas desenvolveram ainda um instrumento a que foi dado o nome de Mapa Social em que estava listado mais de 50 dispositivos de atenção e cuidado em Psicologia para o público adulto em geral.

### **A arte do encontro**

Maio de 2020, os dias pareciam longos e cinzas. Tudo parece sem cor. Mesmo assim mantinham-se algumas rotinas. Encontravam-se quinzenalmente para 'jogar conversa fora', trocar ideias, choros e esperanças. Esses encontros eram virtuais, mas era o que tinham como resistência. Grupo formado por amigos de trabalho. Docentes e discentes se encontravam para falar da vida, tomar café juntos, por lá os temas versavam por diversas figuras e fundos, mas sempre alinhada aos fazeres cotidianos e na necessidade quase que primitiva de manter o contato social. Foi quando nesses encontros com o grupo, em meio a um papo descompromissado, que eles e elas começaram a cantarolar. Muitos fizeram parte do coral da faculdade que por conta dessa imposição sanitária foi obrigado a suspender atividades. Mas sem combinar nem nada, uma música puxava a outra, que puxava a outra e lembrava de mais tantas. Após algumas horas nessa brincadeira de recordar músicas, voltar a cantar em grupo, eles foram ficando calados, reflexivos. O que era comum a todos e todas era um sorriso no rosto de certa satisfação por ter experienciado um encontro. Mesmo assim, um



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

silêncio teimava em se impor e antes mesmo que o fizesse, Claudia propõe:

- Gente, não podemos deixar passar essa oportunidade de viver novamente o que acabamos de experimentar. Vamos tentar reaver nosso Coral. Ele terá que ser diferente, mas será o possível dentro das imposições que estamos vivendo. Voltar a ter uma rotina, um espaço de produção artística e cuidado de nós fará bem a muitos.

O grupo ficou agitado com a ideia e a partir de então começaram a se organizar para conseguir dar conta das questões objetivas para efetivar o reinício.

Esse período foi ligeiro, parecia que estavam ávidos por algum movimento que buscassem o outro, os encontros com a vida. E em menos de 10 dias tiveram o primeiro encontro. Não foi o ensaio do coral mais bem afinado, mas ousou dizer que foi um dos mais potentes encontros.

Depois desse vieram outros, e mais outros, mas esse ficou registrado por uma frase dita por um dos participantes: “Foi no assombro da pandemia no afastamento radical, necessário, que sem saber descobrimos que podíamos fazer um cantar diferente. Fizemos harmonia no caos e vamos continuar cantando a vida, a força e a Esperança”<sup>2</sup>.

### **Sem Arte me Falta Ar**

Inicia-se mais um encontro virtual do projeto Sem Arte me Falta. São 18 participantes entre adolescentes, jovens e um moderador. Mas há um novo integrante neste grupo. Rapidamente Sérgio vai apresentar o colega recém-chegado.

-Esse é o Adler, ele também estuda do colégio e curte cinema, arte... ah, essas coisas.

---

<sup>2</sup>Fala resgatada de vídeo comemorativo ao início do ano de 2021 pelo Projeto de Extensão Coral Canta Junto da Faculdade de Psicologia da UFAM coordenado pela Professora Dra Cláudia Sampaio.



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Sérgio o professor moderador começa a conduzir as boas-vindas, quando é interrompido por Rachel que se encarrega de dar as boas-vindas e apresentar a dinâmica de funcionamento.

- Oh, Adler, o negócio é o seguinte: Sérgio montou esse grupo para que a gente tivesse um espaço para conversar sobre a vida. Aqui a gente junta de tudo um pouco. Mas nossos papos estão sempre envolvidos com alguma atividade de artes, sacou?

Sérgio pede que outros possam explicar com suas próprias experiências como se dá o funcionamento e o que eles foram buscar ao ir parar no projeto. Quase todos querem falar, mas é o João, o adolescente mais novo do grupo, com apenas 14 anos, que conduz a conversa.

- Sabe como é, tava brabo ficar trancado em casa. O colégio fechou, as aulas estão acontecendo de forma bem mais ou menos. Todo mundo aqui tava meio que pirando. Ficamos em casa sem ter o que fazer e no que pensar. Foi aí que a Babi publicou na página dela a chamada para esse projeto. Lá falava mais ou menos assim: é um projeto que com encontros Virtuais a gente vai discutir filmes, músicas, poesias, visitas virtuais em museus. É tipo isso! Um jeito da gente dar um rolê porém de casa mesmo.

Sérgio agradece a João e complementa.

- A ideia surgiu da minha observação de filhos e sobrinhos e como estavam vivendo a pandemia. Era nítido que estavam sendo muito impactados, afinal as relações sociais são tão importantes nessa época da vida. E tive a intenção de pensar numa forma educativa para enfrentarmos estes tempos difíceis que estamos atravessando. Levando em conta que a arte tem se apresentado como um grande aliado para manutenção da saúde mental em tempos de isolamento social.

Mais uma vez Sérgio toma a palavra:



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

- A ideia é assistir um filme, ouvir uma música, ler um trecho de um livro e conversar sobre o que essas coisas podem ter relação com o mundo que vivemos. Já assistimos alguns filmes que fizeram a nossa cabeça 'fritar'. Hahaha. Mas é genial.

O grupo continua contando ao novo participante das experiências já vividas por eles nesse contexto. Isso faz Sérgio perceber que o projeto não lhe pertence mais, as intenções que tinha ao realizá-lo ainda podem estar escondidas em algum espaço, mas nessa construção coletiva do projeto ele foi se tornando algo peculiar naquele grupo, naquele espaço histórico.

### **Ecossistemas e reverberações das práticas criativas e saberes docentes**

Estamos vivendo tempos difíceis. A arte tem se apresentado como uma grande aliada no processo de produção do conhecimento. Muitas de nossas ações foram intermediadas pelas artes como forma de aproximação, expressão e compreensão de mundo. Para o encontro com o outro foi necessário um mergulho para permitir o entendimento, levar em conta seu contexto e sua complexidade, sobretudo as limitações, as incertezas e a curiosidade sobre os saberes de cada sujeito dessa rede de conhecimento

A construção dessas narrativas teve o intuito de reproduzir alguns exemplos de espaços vividos pela comunidade educacional, as práticas e saberes docentes e as possibilidades criativas de enfrentamento de tempos pandêmicos. Nestas narrativas o fim está marcado no compromisso do cuidado com o outro. Ao criar as narrativas entendeu-se que se fez necessário mergulhar de modo pleno em outras possibilidades lógicas, a fim de que fosse possível des-invisibilizar modos de produção de saber hegemônicos e, assim, apropriar-se das “mil maneiras de caça não autorizadas nas quais o cotidiano se inventa” (Certeau, 1994, p. 38). Dessa maneira foi emergindo ali e acolá



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

atividades de resistência. Resistir para existir e não sucumbir ao isolamento dos corpos.

Essas resistências apresentadas aqui são o meio utilizado fundamentado nas ideias pedagógicas freirianas que afirmam a importância do conhecimento e reconhecimento de si como processo fundamental na constituição de sujeitos que praticam sua própria história, dos “sujeitos da história” (Freire, 1987).

Ao criar as narrativas, foram feitas escolhas, que permeiam todo o presente texto. Essas escolhas foram marcadas pelo nosso olhar, pelos sujeitos que cruzaram nossas trajetórias, pelos problemas relacionados ao tema e pelos múltiplos encontros e desencontros. Se fossem outros a escrever sobre o tema, certamente as trilhas escolhidas seriam outras.

Rancière (2004) nos alerta que, para além do fundamento educacional que busca a igualdade como pressuposto, a questão educacional é propriamente filosófica e, sobretudo, política.

Quem estabelece a igualdade como objetivo a ser atingido, a partir da situação de desigualdade, de fato a posterga até o infinito. A igualdade jamais vem após, como resultado a ser atingido. Ela deve sempre ser colocada antes (Rancière, 2004, p. 11).

Pois partir da igualdade significa, para o professor, partir de si mesmo. Reconhecer em si a igualdade, pois,

[...] para emancipar a outrem, é preciso que se tenha emancipado a si próprio. É preciso conhecer-se a si mesmo como viajante do espírito, semelhante a todos os outros viajantes, como sujeito intelectual que participa da potência comum dos seres intelectuais (Rancière, 2004, p. 57).

Ao narrar, nós, autoras, participamos daquilo que narramos. Considerando, portanto, a importância das narrativas nas pesquisas nos/dos cotidianos é que se destaca a multiplicidade de informações





## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

contidas nelas. Tais narrativas trazem para o ‘hoje’ momentos e sentimentos que estiveram/estão presentes nas redes de sujeitos que compõem cada um dos praticantes de uma realidade cotidiana (ALVES, 2001, p. 30). Nossos esforços se pautaram na tentativa de se manter uma relação dialógica com os alunos e alunas, visto que é na possibilidade dialógica que expressamos na prática a luta por uma sociedade em que a intercomunicação seja menos difícil, mesmo que necessite ser intermediada pela tecnologia.

Podemos citar a narrativa em que o aluno Júlio se expõe e coloca suas dificuldades econômicas para acompanhar a disciplina. Vale retomar as considerações de Freire em relação à importância de certa prática de educação que põe em jogo a relação entre oprimido e opressor. Como afirma Paulo Freire (1979, p. 100), “não sou se você não é, não sou, sobretudo, se proíbo você de ser”. A sociedade é contraditória e, portanto, apresenta nela própria, situações de opressão, reflexo de atos de injustiça marcados pelas desigualdades sociais, próprios da sociedade capitalista, gerando um contexto de violência. Violência que se percebe também no contexto escolar. Seja pelos conflitos da sociedade excludente, injusta e desigual, seja pelo discurso autoritário, ou mesmo pela permissividade. Nesse sentido, urge repensar a formação de sujeitos para que sejam capazes de transformar a si mesmos e ao seu entorno, onde o fazer torna-se ação e reflexão transformadora de si e do mundo, práxis pedagógica.

Nessa rede de relações que é a escola, e suas maneiras de fazer, indicam formas de expressão, às vezes silenciosas, que precisam ser desveladas para que sejam entendidas, o que somente é possível caminhando por dentro dessa rede (Alves, 2001).

O atual conceito de sujeito em nossa sociedade precisa também ser reconstruído. Uma vez que as paisagens social, econômica e cultural estão se transformando com rapidez, “o próprio processo de



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

identificação através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais tornou-se mais provisório, variável e problemático” (Hall, 2002, p. 12). Não há uma crise do sujeito, de identidade ou da profissão; os problemas referem-se à adoção de uma concepção que já não é adequada ao momento vivido, uma vez que a identidade do sujeito é formada e modificada em um diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores e as identidades que esses mundos oferecem. A ideia de uma única e imutável identidade é uma ilusão, “uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora ‘narrativa do eu’” (Hall, 2002, p. 13). A crise está no fato de que a complexidade da vida atual leva a contradições entre as muitas identidades dos sujeitos.

O professor e a professora, como qualquer homem/mulher contemporâneo (a), vivem essas contradições e as dificuldades para construir/reconstruir suas concepções, uma vez que a modernidade “não é definida apenas como a experiência de convivência com a mudança rápida, abrangente e contínua, mas uma forma altamente reflexiva de vida” (Hall, 2002, p. 15). Viver é, portanto, romper com as condições sociais anteriores e com fragmentos internos dessas condições, ou seja, com internalizações que os sujeitos insistem em manter. É construir identidades a partir de relações complexas.

### **Considerações finais**

Nossa pretensão neste texto foi relatar algumas de nossas experiências cotidianas. Não temos a pretensão de ter escrito algo profundo e extraordinário, mas algo vivido, experienciado. Nosso objetivo primário foi compartilhar nossas experiências nesse período de tantas angústias e medos. Acreditamos que outros tantos textos ainda serão produzidos sobre a educação nesse período em que a COVID 19 se fez tão presente em nosso cotidiano. Queremos com esse texto lançar



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

um olhar para as ações possíveis de educação resistente nesse panorama.

### Referências

- Alves, N. (2012) Políticas e cotidianos em redes educativas e em escolas. In: *ENDIPE - ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO*, XVI, Universidade Estadual de 200 Campinas. Anais... Junqueira & Marin.
- \_\_\_\_\_. (2001) Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: Oliveira, Inês Barbosa de; Alves, N. (Org.). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. DP&A, p.13-38.
- Alves, R. (2004) A complicada arte de ver. *Jornal A Folha de São Paulo*, Caderno Sinapse.26/10/2004.
- Certeau, M. de. (1994) *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Vozes.
- Freire, P. & Guimarães, S. (2011) *Dialogando com a própria história*. Paz e Terra.
- Freire, P. (1996) *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_. (1987) *Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_. (1979) *Conscientização: Teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. Cortez e Moraes.
- Hall, S. (2002) *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. DP&A.
- Oliveira, Inês Barbosa & Alves, N. (2001) Contar o passado, analisar o presente e sonhar o futuro In: *Pesquisa no/do cotidiano: sobre redes de saberes*. 2. ed. DP&A, p. 7-12.
- Ranciére, J. (2004) *O mestre ignorante*. Autêntica.
- Reigota, M. (1999) *Ecologistas*. Edunisc.
- Spink, P. (2008) O pesquisador conversador no cotidiano. *Psicologia & Sociedade*, [s.l.], v. 20, n. esp., p. 70-77.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

**Recebido: 15.12.2023**

**Aprovado: 20.12.2023**

**Publicado: 01.01.2024**

**Autora**

**Adriana Rosmaninho Caldeira de Oliveira**

Doutora em Educação, Professora Universidade Federal Fluminense na área de psicologia social/comunitária, Professora PPG Estudos da Condição Humana UFSCar, Grupo de Pesquisa Saúde Mental e Sociedade, [adrianacaldeira@id.uff.br](mailto:adrianacaldeira@id.uff.br)